

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO  
REGIONAL  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

HENRIQUE BANDEIRA ATANES

Conflitos sócio-espaciais no Brasil contemporâneo (2002-2012): o tratamento  
metodológico e a sistematização das fontes

CAMPOS DOS GOYTACAZES

2022

HENRIQUE BANDEIRA ATANES

**Conflitos sócio-espaciais no Brasil contemporâneo (2002-2012): o tratamento metodológico e a sistematização das fontes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia de Campos dos Goytacazes do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense, para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Glauco Bruce Rodrigues

Campos dos Goytacazes, RJ

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BUCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A862c Atanes, Henrique Bandeira  
Conflitos sócio-espaciais no Brasil contemporâneo (2002-2012) : o tratamento metodológico e a sistematização das fontes / Henrique Bandeira Atanes ; Glauco Bruce Rodrigues, orientador. Campos dos Goytacazes, 2022.  
47 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, 2022.

1. Conflitos sócio-espaciais. 2. Metodologia. 3. Espacialidade. 4. Política. 5. Produção intelectual. I. Rodrigues, Glauco Bruce, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional. III. Título.

CDD -

HENRIQUE BANDEIRA ATANES

Conflitos sócio-espaciais no Brasil contemporâneo (2002-2012): o tratamento metodológico e a sistematização das fontes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia de Campos dos Goytacazes do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense, para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Glauco Bruce Rodrigues – Orientador

Departamento de Geografia – GRC

Universidade Federal Fluminense - UFF

---

Prof. Dr. Marco Antonio Sampaio Malagoli

Departamento de Geografia – GRC

Universidade Federal Fluminense - UFF

---

Profa. Ma. Priscila Viana Alves

Universidade de São Paulo - SP

Campos dos Goytacazes

2022

*Dedico este trabalho aos povos que  
marcham pela vida, dignidade e  
território.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço as ironias e caminhos (os duvidáveis e aqueles não tão duvidáveis assim) pelos quais trilhei minha vida até o momento. Os discos que ouvi, os acordes que toquei, as vezes que desafinei. Os momentos de certeza e confusão. Sem os afetos e angustias que vivenciei, não existiria o Henrique que finaliza esse ciclo.

À minha querida avó, Dona Maria Francisca, que foi minha grande companhia durante minha infância e grande parte da minha vida adulta. Se hoje estou aqui, se hoje minha família conquistou aquilo que conquistou, foi pela força dessa mulher e pelo brilho daqueles lindos olhos azuis. Não existe pessoa com maior ternura, não existe lugar mais aconchegante que seu colo, não existe risada mais gostosa que a tua. Te amo do fundo meu coração, minha parceira.

Aos meus pais, Rosilda e Ronaldo. Sou grato a você, mãe, por ser o meu maior espelho, por se dedicar tanto a mim, pela sua preocupação, carinho, pelo dom que você tem em cuidar dos outros (mesmo que isso as vezes signifique não cuidar de si) sinto orgulho todos os dias de ser teu filho, sua trajetória é inspiradora, espero poder chegar próximo, um dia, a pessoa incrível que você é e te proporcionar em dobro tudo que me proporcionou. Sou grato a você, pai, por acreditar sempre em mim, por ser extremamente batalhador, emotivo e bondoso. Por não ter medo de mudar caso seja necessário. Por dedicar tanto de si para mim. Amo vocês dois.

Agradeço minha companheira (agora uffiana e, futura, cientista social), Lele, haja força no ombro para aguentar minha cabeça enquanto reclamava, você, mais que ninguém, acompanhou de perto todo o processo de construção desse trabalho. Me deu o melhor suporte, emocional, afetivo e até quando precisei de ajuda com a “mão na massa”. Morro de admiração por você, seja com as artes incríveis produz, seja na vontade de construir um mundo melhor. O amor é privilégio de maduros, já me lembrava Drummond.

Agradeço ao meu grande amigo, Yan Moreira e seus pais, Jorge Ney e Luiza. Vocês foram lar, família e me acolheram tão bem nesse retorno a Campos dos Goytacazes, nunca me esquecerei dos momentos aconchegantes que passei com vocês, bem como das histórias, conselhos e risadas.

Aos meus amigos do peito, Rafael Carvalho, Pamela Maciel, Valentine Beloni, Luiza Rodrigues, Bruno Campos, Welsimer Reis, Carolline Bastos, Isabela Cortat, Marco Túlio. Obrigado por todos momentos que passamos juntos nesse período, Campos me presenteou com a amizade de vocês.

Aqueles que senti uma enorme saudade enquanto estive longe, Marie Grillo, Lucas Balducci e Cadu Ribeiro, o Rio de Janeiro só não é perfeito porque não tem vocês aqui.

Aos meus colegas do Núcleo de Estudos sobre Território e Conflitos Sociais, dividir o aprendizado com vocês é uma honra.

Ao professor Thiago Silva, pela parceria, amizade e pelas experiências que me proporcionou, espero que a vida ainda guarde inúmeros rol(é)s contigo.

Ao mestre, Carlos Walter Porto-Gonçalves, pela riqueza de sua obra, continuarei, enquanto produzir, a espalhar “a palavra”.

Por fim, ao casal mais inspirador da Geografia brasileira. Tatiana Tramontani, sou suspeito para falar, carimbei todas as disciplinas que você ofereceu no curso de Geografia, admiração não é suficiente para descrever. Glauco Rodrigues, fico extremamente feliz em ver meu nome vinculado ao teu, obrigado pela orientação, pelos momentos onde precisei de uma direção, por me ajudar a expandir e a também a pôr os pés no chão. Aos dois, obrigado por me mostrar que é possível produzir uma Geografia que combata a barbárie.

*“E a praia de Copacabana  
Minha mãe, São Paulo, Havana  
Quando eu nasci tinha, tinha sim senhor  
Sapo, sapoti, Cristo Redentor  
Águia, paturi, camelo, condor*

*E as águas do Amazonas  
Os ratos, as rãs, ratazanas  
Quando eu nasci já tinha terror  
Águia, paturi, camelo, condor*

*Já deu pra saber dançar samba  
Já deu pra sentir pernas bambas  
Quando eu nasci já tinha vapor”*

*Itamar Assumpção e Arrigo Barnabé*



## RESUMO

O trabalho tem como questão norteadora a análise da espacialidade dos conflitos sócio-espaciais no Brasil contemporâneo. Pretende apresentar, de forma sistemática, uma proposta metodológica para a pesquisa dos conflitos sociais em Geografia. Partimos da análise sócio-espacial, tomando como material empírico os conflitos sociais que ocorreram entre 2002 e 2012 no Brasil, sistematizados pelo *Observatorio Social de America Latina* (OSAL), um programa do *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales* (CLACSO). A pesquisa tem como objetivo sistematizar os dados e aperfeiçoar os procedimentos metodológicos da pesquisa sócio-espacial crítica, construir uma fonte que dê concretude a questões retiradas da tensão de conflitos sociais que observamos constantemente mas desconhecemos a dimensão. A organização dos dados nos possibilitou analisar e catalogar os conflitos em tabelas que nos permitiram a criação de um mapeamento de sujeitos e de conflitos, a compreensão de padrões de conflitividade e uma reconstrução de temporalidades, da década passada, que nos auxilia a entender a construção de Brasil que provocou os conflitos com suas contradições.

**Palavras-chave: Conflitos; Metodologia; Espacialidade.**

## **ABSTRACT**

This monography has the analysis of the social conflicts spatiality in the contemporary Brazil as its guiding question, intends to present, in a systematic way, a methodological proposal to the social conflicts research in Geography. Starting from Brazil's socio-spatial analysis, utilizing as empirical material the social conflicts, which occurred between 2002 and 2012, systematized by OSAL, a CLACSO program. The research objectives are systematize the data base and improve the critical social-spatial research methodological procedures, create a source that gives concreteness to the questions pinched from the social conflicts tension, constantly observed but with its dimensions unknown. The data organization allowed us to analyze and catalog the conflicts in tables and creating a conflicts and protagonists mapping, the comprehension of conflictivity patterns and a temporalities reconstruction, from the past decade, helped us to understand the construction of Brazil that provoked the conflicts with its contradictions.

**Keywords: Conflicts; Methodology; Spatiality.**

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Exemplo da tabela de 2009 simplificada e seus elementos constitutivos.....	26
<b>Figura 2:</b> Um exemplo prático: conflito presente na Jornada de Lutas da Mulheres da Via Campesina em 2011.....	28
<b>Figura 3:</b> Total de conflitos sócio-espaciais por estado brasileiro (2002-2012) .....	38
<b>Figura 4:</b> Conflitos por estado brasileiro a cada 100 mil habitantes .....	39
<b>Figura 5:</b> Conflitos rurais por estado brasileiro (2002-2012).....	42
<b>Figura 6:</b> Conflitos urbanos por estado brasileiro (2002-2012) .....	42

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Filtragem de atributos dos conflitos de 2002 e 2003.....	31
<b>Tabela 2:</b> Filtragem de atributos dos conflitos de 2004 e 2005.....	32
<b>Tabela 3:</b> Filtragem de atributos dos conflitos de 2006 e 2007.....	34
<b>Tabela 4:</b> Filtragem de atributos dos conflitos de 2008 e 2009.....	35
<b>Tabela 5:</b> Filtragem de atributos dos conflitos de 2010, 2011 e 2012.....	36
<b>Tabela 6:</b> Estados com a maior quantidade de conflitos por habitantes.....	40
<b>Tabela 7:</b> Distribuição dos conflitos sócio-espaciais a partir da natureza sócio-espacial	
<b>Tabela 8:</b> por estado brasileiro .....	41
<b>Tabela 9:</b> Estratégias espaciais presentes na Jornada Nacional Unificada de Lutas por Reforma Agrária em 2009 .....	43

## LISTA DE ABREVIATURAS

CLACSO	Conselho Latino-americano de Ciências Sociais
CPT	Comissão Pastoral da Terra
FEBEM	Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LEMTO	Laboratório de Estudos de Movimento Sociais e Territorialidades
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo, assexuais+
MAB	Movimentos dos Atingidos por Barragens
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra
OSAL	Observatório Social da América Latina
Pronera	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA PESQUISA DOS CONFLITOS SÓCIO-ESPACIAIS NA GEOGRAFIA.....</b>	<b>21</b>
1.1 A fundamentação teórica.....	22
1.2 O procedimento metodológico.....	25
<b>CAPÍTULO 2: OS CONFLITOS SÓCIO-ESPACIAIS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO (2002-2012) .....</b>	<b>30</b>
2.1 Os principais resultados da análise dos conflitos sócio-espaciais no Brasil contemporâneo (2002-2012).....	30
2.2 A análise específica dos conflitos: o caso da Jornada Nacional Unificada de Lutas por Reforma Agrária em 2009 .....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar, de forma sistemática, uma proposta metodológica para a pesquisa dos conflitos sociais na Geografia. Partimos da análise sócio-espacial do Brasil, tomando como material empírico os conflitos sociais que ocorreram entre 2002 e 2012, sistematizados pelo *Observatorio Social de America Latina* (OSAL), um programa do *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales* (CLACSO), instituição internacional que reúne centros de pesquisa em 55 países na América Latina e outros continentes. Partimos da hipótese de que é possível apreender um padrão de conflitividade que caracteriza a dinâmica do território e da produção social do espaço, neste recorte histórico, tal como nos permite identificar permanências e rupturas em diferentes temporalidades.

A pesquisa tem como objetivo sistematizar os dados e aperfeiçoar os procedimentos metodológicos da pesquisa sócio-espacial crítica, explicada adiante, elaborada anteriormente em trabalhos do LEMTO<sup>1</sup>, coordenado pelo professor Carlos Walter Porto Gonçalves há 20 anos (RAMOS, 2003), enquanto constrói uma fonte que dê concretude às questões retiradas da tensão de conflitos sociais, entre 2002 e 2012, período escolhido por se referir tanto pela ascensão e consolidação política do lulismo quanto pela sua crise em 2013. Esse momento instaura um padrão de conflitividade que caracteriza a dinâmica do território neste recorte histórico, que será alterado após as Jornadas de Junho de 2013 (RODRIGUES & RAMOS, 2015). Os conflitos são constantemente observados mas desconhecemos a dimensão, visando compreender o movimento e dinâmica da totalidade e traçar um diagnóstico desse tempo histórico brasileiro. Propõe-se, também, observar padrões de conflitividade, o movimento da dinâmica espacial, permanências, possíveis transformações conjunturais e estruturais, com foco em traçar uma totalidade da sociedade brasileira a partir de suas contradições, que se expressam materialmente no espaço.

Para a apreensão da espacialidade e do caráter processual dos conflitos sociais, a pesquisa busca uma articulação da Geografia Histórica, em uma ótica onde não se compreende enquanto o estudo de uma “geografia do passado”, mas como uma articulação entre o eixo indissociável do espaço-tempo (sendo o espaço o tempo do simultâneo, do eterno movimento) e da Geografia dos Ativismos Sociais, por se tratar de

---

<sup>1</sup> Laboratório de Estudos de Movimento Sociais e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense.

um campo que possibilita o cultivo de uma outra perspectiva da produção de conhecimento, a partir da tensão resultante da ação social e pelo protagonismo dado aos ativismos sociais – acreditando que os mesmos desempenham, também, a função de criadores (e não apenas reprodutores) nos processos históricos – sinalizando que ambos são campos de pesquisa e ação política (RODRIGUES, 2015).

A possibilidade concreta de compreender a espacialidade de uma forma geral-histórica de ação social, os conflitos, tal como a sua influência no ordenamento espacial, utilizando dessa tensão enquanto ponto de partida e “carro-chefe” na análise geográfica move e motiva a pesquisa. O olhar geográfico nos permite contribuir a melhor conhecer o espaço, entender a base material de reprodução da vida, compreender como se estrutura as bases do poder, explicitar a dimensão espacial dos fenômenos e como o espaço, tido enquanto fenômeno total, em sua materialidade, expressa as formas como grupos se organizam e o produzem/são produzidos por ele. Rodrigues & Ramos (2015), nos apresentam que partir dos conflitos como ponto de partida e chave analítica não é novidade nas Ciências Humanas, porém se torna caro para a Geografia “na medida em que parte da ação concreta dos sujeitos sociais e, mais especificamente, da contradição em estado prático, para a análise da espacialidade do social, ou seja, de processos mais amplos de produção do espaço e do território” (RODRIGUES & RAMOS, 2015).

Na análise sócio-espacial do conflito, procuramos entender o espaço e sua organização a partir das diversas contradições sociais e políticas em estado prático, impostas a determinados grupos sociais de forma desigual, espelhando planos de planejamento e gestão heterogêneos. Pensar na espacialidade do conflito se traduz na preocupação em produzir uma Geografia que nos ajude a entender a sociedade e, principalmente, suas desigualdades por meio dos choques de interesses evidenciados na estratificação de classes sociais e nas relações hierárquicas transversais de poder, estatal ou não, que atravessam os grupos sociais. Essa hierarquização social destaca sujeitos que, na medida em que se assemelham, se forjam na luta, constituem uma identidade e memória coletiva, a partir da sociabilidade, no conjunto de hábitos, simbolismos, crenças, técnicas, o que não os limita de forma cultural-essencialista, mas os destacam a partir do conflito, da classe, essa que não existe em si própria, mas é fruto da experiência de homens e mulheres, ou como expresso pelo historiador inglês Edward P. Thompson:



“As classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta da sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real” (THOMPSON, 2001, p, 274).

Para Eder Sader, que dedicou seus trabalhos as novas configurações das lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo durante a década de 70, o processo de gênese dos sujeitos coletivos se faria como consequência de um conjunto de anseios “onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas” (SADER, 1988, p.55). Tal elevação do indivíduo para o ser coletivo, protagonista (como personagem principal, mas aquele que compete para ser tal e não só atua seguindo um roteiro), exprime a criação de novos sujeitos que garantem novas formas de se fazer política e novos lugares para o exercício da mesma, assim como (re)conformam territorialidades, é na tessitura das relações sociais que se produzem um (f)ato<sup>2</sup>, deve-se decifrar qual a dimensão espacial que constitui, junto com o tempo, aquele fato-ato. O espaço demonstra em sua materialidade as formas como os grupos se organizam e o produzem, entender como esse substrato influencia, de certa forma, os grupos sociais, nos permite contribuir com análise da expressão espacial de fenômenos sociais.

A categoria sujeito é ambígua e carrega em si atritos podendo ser lida tanto em uma perspectiva de sujeição como em uma perspectiva crítica que privilegia o ator, aqui como expresso por Eder Sader, pode ou não estar “referido à capacidade de expressão no plano da política”. Fizemos a escolha do uso da categoria protagonista, utilizando do sentido atribuído por Carlos Walter Porto-Gonçalves:

---

<sup>2</sup> Carlos Walter Porto-Gonçalves (2003), em sua tese de doutorado intitulada “Geografando: nos varadouros do mundo” demonstra a maneira como os fatos são constituídos a partir de uma geograficidade subjacente, ao expressar o conflito entre duas matrizes de racionalidades diferentes (seringueiro e seringalista).

“A escolha da expressão protagonista tenta aqui recuperar o sentido grego de *protos* ‘primeiro, principal’ e *agonistes* ‘lutador, competidor’\_. Assim, não se recusa inteiramente o sentido de “personagem principal”, mas se procura enfatizar o caráter de *agonistes*, ‘de competição e luta’, para que se afirme como *protos*, primeiro, principal” (PORTO-GONÇALVES, 2003, p. 93, grifos do autor).

Uma sociologia da ação, como defendido por Alain Touraine (1986) em oposição à sociologia clássica, recusa a explicação do ator pelo sistema, algo que buscamos aqui, já que “ela vê, pelo contrário, em toda situação, resultado de relações entre atores, definidos por suas orientações culturais como por seus conflitos” (TOURAINÉ, 1984, p.26). Essa visão nos permite fugir da ideia estruturalista onde seríamos apenas o fruto de resultados provenientes de eventos econômicos. Edward Thompson (1981) ressalta a importância da “experiência humana” para análise dos fenômenos sociais, em que as pessoas vivenciam por ela “situações” e “relações produtivas” e delas retiram seus anseios, percebem “essa experiência em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras (...) e em seguida (...) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada” (THOMPSON, 1981, p.182).

Nas experiências concretas da cotidianidade surgem ideais, cosmovisões e projetos de vida que são intensamente disputados e dão movimento e razão à ação social. Sendo o conflito um evento que é expressão de seu tempo de mundo, carregado das temporalidades que o compõe e o singulariza, dado no *front*, no embate, entre territorialidades que buscam se constituir. A tríade conceitual formada por território, territorialidade e (des)territorialização são primordiais para compreender tais processos e as relações entre sociedade e espaço, nos permitindo fugir das limitações constituídas nas territorialidades do Estado-Nação moderno. Como posto por Porto-Gonçalves (2012):

“O conceito de território deixa de ser pensado como a base física de exercício da soberania do estado, tal como consagrado no direito internacional e sua ciência jurídica e política, e passa a ser visto como o processo de apropriação e controle do espaço geográfico com seus recursos e suas gentes, revelando as tensas relações de poder que lhes são constitutivas” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 34).

Consideramos, assim, o território não como apenas uma categoria absoluta que abriga recursos e uma população homogênea, que têm como o Estado o seu único

manejador que rege as relações de poder, mas como “um espaço geográfico que é apropriado e esse processo de apropriação enseja identidades que estão inscritas em processos sendo, portanto, dinâmicas e mutáveis, materializando em cada momento uma determinada ordem” (PORTO-GONÇALVES, 2002, p. 230). Dessa maneira, e com novas formas de apropriação do espaço, deslocamos o significado único construído a partir de matrizes epistêmicas eurocêntricas e miramos a análise para uma possibilidade de compreensão onde o estado-territorial não se limita às delimitações do estado moderno, mas que nele habitam e (con)formam diversas territorialidades, onde cada protagonista é portador de uma territorialidade própria (PORTO-GONÇALVES, 2002).

Nessas múltiplas territorialidades, se encontram matrizes de racionalidades diferentes, práticas sociais e formas de organização espacial distintas, maneiras de operar a lógica e construir a realidade, que podem vir a se chocar e acarretar em conflitos de territorialidades (PORTO-GONÇALVES, 2001, 2002 e 2003), sejam eles entre territorialidades subalternizadas e dominantes como entre territorialidades dominantes<sup>3</sup>. O ativismo social e o movimento social são momentos desse processo conflitivo de construção de uma identidade, de formas específicas de apropriação do espaço, de estratégias e técnicas da ação social guiado por um motivo, que impede o alisamento da dinâmica espacial<sup>4</sup>, ao ir de encontro com outras territorialidades, opera “cortes e combinações de classe, configurações e cruzamentos que não estavam dados previamente” (SADER, 1998, p. 48), é a recusa do lugar, explicitando assim, a dimensão espacial das temporalidades de cada objeto. Uma das primeiras distinções trabalhadas na pesquisa foi a explicitada por Marcelo Lopes de Souza (2006) entre “ativismo social” e “movimento social, onde “ativismos sociais são um conjunto mais amplo de ações públicas organizadas” enquanto “movimentos sociais seriam uma modalidade especialmente crítica e ambiciosa de ativismo social” (SOUZA, 2006, p. 278).

O estudo das lutas e dos conflitos sociais se fazem necessários à medida que ecoam pelos mesmos as reivindicações populares e as demandas provenientes da precariedade ou falta de acesso a bens comuns para a reprodução social. O amplo leque de hierarquias nas relações de poder nos segrega, nos afasta de tais questões e é um fator estruturante dos Estados moderno-coloniais, a máxima capitalista da concorrência, da

---

<sup>3</sup> Um ótimo exemplo é construído por Carlos Walter Porto-Gonçalves (2003), ao nos demonstrar a disputa das terras acreanas entre o agronegócio e a extração da borracha pelos seringalistas.

<sup>4</sup> Vê-se a imensa contribuição de Milton Santos com o conceito de rugosidades.

falácia modernizadora dualista – entre progresso/atraso, desenvolvimento/subdesenvolvimento, que suprime o espaço pelo tempo, já desmascarada pelo sociólogo Francisco de Oliveira (2003)<sup>5</sup>, onde o mesmo, com muita clareza (quase que com clarividência e sem esperanças, num período de suposta ascensão dos movimentos sociais com o primeiro mandato de Lula) debate sobre a refuncionalização do arcaico, da articulação entre o atrasado e moderno na sociedade brasileira – nos impede de enxergar a tendência que caminha ao agrupamento social, aos interesses comuns e numa organização do espaço que promova harmonia e igualdade. O individualismo e a busca pela ascensão dentro de uma sociedade concorrencial, fruto da neoliberalização, nos desumanizam, a urgência por uma produção epistêmica que questione a normatização de tais racionalidades e que não perpetue injustiças é gritante.

---

<sup>5</sup> Ver em Francisco de Oliveira, *Crítica à razão dualista/O ornitorrinco*. São Paulo, Boitempo, 2003.

## **CAPÍTULO 1: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA PESQUISA DOS CONFLITOS SÓCIO-ESPACIAIS NA GEOGRAFIA**

Toda epistemologia é política, o ser humano é, logicamente, um ser político e toda política faz uso de uma base epistemológica, a pesquisa propõe uma maior atenção a questões metodológicas-filosóficas da produção do saber-poder, ou seja, a forma como a visão do pesquisador e, principalmente, dos grupos estudados permeia a questão, o que a produção desse conhecimento permite e quais técnicas utilizadas. Esse fator nos aproxima do conhecimento dos sujeitos que protagonizam os conflitos, onde os mesmos tomam a posição de sujeitos na pesquisa e não somente objeto de análise.

A pesquisa contou com uma fase inicial durante os encontros do Núcleo de Estudos sobre Território e Conflitos Sociais em 2019 e lapidada, principalmente, no Projeto de Ensino Teoria Crítica e Geografia, ambos propunham uma discussão mais densa acerca dos conceitos de espaço, poder e território, onde foram apresentadas as principais bibliografias acerca dos conceitos da Geografia dos Conflitos Sociais e sobre como trabalhar a espacialidade dos conflitos.

Durante o processo de levantamento bibliográfico e debate conceitual, os encontros do Projeto de Ensino: “Teoria Crítica e Geografia” que propunham uma discussão mais densa acerca dos conceitos de espaço, poder e território, foram de suma importância. Por fazer parte de um projeto antigo, desenvolvido em conjunto no Núcleo de Estudos sobre Território e Conflitos Sociais, a pesquisa foi apresentada, em seus momentos embrionários, no XII Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica em 2020, intitulada previamente como “Território e Conflitos Sociais no Brasil Contemporâneo 2000-2002”.

Já em 2022, após ser submetido ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, o trabalho foi apresentado no XII Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica, com o título de “A espacialidade dos conflitos sócio-espaciais no Brasil contemporâneo (2002-2012): o tratamento metodológico e a sistematização das fontes”, estão marcados para futura apresentação do trabalho os seguintes eventos: XX Encontro Nacional de Geógrafos em julho e o XVII Simpósio de Geografia Urbana pelo GT-15 (Território, conflitos e movimentos sociais urbanos) em novembro, ambos carregando o atual título do trabalho.

## 1.1 A fundamentação teórica

Existe uma série de atributos constituintes do conflito (RAMOS, 2003) que são primordiais na representação da realidade em contradição, esses balizamentos nos permitem construir uma análise que se preocupa em destacar a espacialidade da ação social. São eles:

1. Os protagonistas (aqueles que se põem em movimento e, novamente, que assumem essa posição na luta);
2. Os antagonistas (importante frisar que não existe protagonista sem antagonista, é no *front*, nos conflitos por territorialidades que se exprimem os sujeitos);
3. Os motivos e objetivos (pelo que ou por que se luta, são elas condições objetivas e subjetivas que mobilizam uma coletividade, seus interesses e projetos);
4. O tipo de organização do ativismo social (como se estrutura para atingir seus objetivos);
5. As formas de manifestação e estratégias de ação (são práticas, ações, estratégias, técnicas desenvolvidas visando alcançar seus objetivos, de maneira que a identidade em si não é suficiente, é na luta, no combate, no encontro da classe ou questionamento dela, que se forja o movimento);
6. As escalas (aqui não se prendem apenas ao sentido matemático-cartográfico e de extensão espacial, ao informar a área que abrange um ativismo, mas também significa a capacidade de articulação política, a dimensão de demarcação pela experiência concreta, das práticas sociais dos protagonistas, o que nos permite observar múltiplas escalas na apresentação da conformação das áreas de estudo);
7. A natureza sócio-espacial do conflito (rural, urbana ou geral), onde “determinar a natureza sociogeográfica de um conflito implica em identificar os elementos e processos que constituem a sua geograficidade” (RAMOS, 2003, p. 12).

Aqui se faz necessário um adendo, o que estabelece a natureza sócio-espacial do conflito é a geograficidade da ação social e não somente a localidade. Uma manifestação em plena Avenida Paulista na cidade de São Paulo, onde seus protagonistas pleiteiam melhorias nas condições no campo e fomentam a luta pela Reforma Agrária, continua sendo categorizada enquanto um conflito rural.

A experiência concreta, experimentada de formas distintas por diferentes sujeitos, funde a identidade ao movimento, o atributo de fusão é espacial, é a partir da prática dos sujeitos envolvidos, dos seus elementos, da defesa de uma territorialidade, que se *grafa a terra*. Assim, demarcam-se suas áreas de estudo, visando tratar do mundo a partir de suas particularidades. O horizonte de radicalização da ação social se exprime na ambição a transformações efetivas na estrutura do espaço e nos remete diretamente aos movimentos sociais, gerando ou uma fissura no tecido social e na organização espacial ou um retorno a estrutura, salientando que a mesma é sempre fluida e se remodela para garantir a manutenção das hierarquias preexistentes. Para trazer os conflitos sociais à análise geográfica utilizamos de cinco pontos da espacialidade da ação social, descritos por Marcelo Lopes de Souza (2008, p. 368-369):

1. O espaço de referência identitária ou a construção espacial de uma identidade, a constituição de uma coletividade que age, unida a partir do espaço;
2. O espaço enquanto lugar, apropriado simbólico e materialmente. No limite, o lugar é sempre um território, impulsionado pela afetividade, pela identidade;
3. As estratégias espaciais ou a ação social, a forma como o espaço é utilizado estrategicamente pelo movimento social (ocupação, bloqueio de estradas, greve);
4. A influência da materialidade nas reivindicações ou como o substrato espacial condiciona as questões e reivindicações que suscitam a existência do ativismo (a falta de acessos a bens de consumo básicos para sua reprodução, propriedade privada, concentração de fundiária, mineração, barragens);
5. As transformações efetivas no espaço ou as conquistas e realizações dos ativismos sociais a partir das relações sociais e de poder estabelecidas, as novas territorialidades construídas a partir da ação social.<sup>6</sup>

Uma preocupação central partindo dessas premissas é entender de que formas as diferentes temporalidades sociais são produzidas, buscar qual tempo é esse que vivemos, esse que também é socialmente produzido, como ele organiza a sociedade, buscando

---

<sup>6</sup> Um bom exemplo se dá na grafia das Reservas Extrativistas no Acre, em 1985, a partir das experiências vividas pelos seringueiros do Alto do Xapuri, acompanhada de perto por Porto-Gonçalves (2003) ou na demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol em 2009 no estado de Roraima pelos povos Wapichana, Patamona, Makuxi, Taurepang e Ingarikó, acompanhada durante a sistematização de fontes da pesquisa.

libertar a história da categoria do “passado”, já que temporalidade e experiência do tempo definem o conceito de história. Isso nos aproxima de dois conceitos tecidos por Fernand Braudel, os tempos da história – eventos (a vida ordinária, em nossa leitura, os conflitos), conjunturas (os ciclos e interciclos, periodizações mais longas, que contém diversos eventos) e a longa duração (uma temporalidade central, que constitui a estrutura, secular, sendo ela a que permite uma análise mais profunda dos fenômenos) – e o tempo do mundo, sendo ele, o tempo vivido nas dimensões do mundo, que surge em um determinado lugar e controla outros tempos e outros lugares, que aos poucos vai se tornando a superestrutura da história do mundo, mudando de escalas (BRAUDEL, 2013). Se relaciona com a longa duração, pela necessidade de se entender a estrutura para entender o tempo vivido que é constituído por conjunturas e eventos, não podemos confundir-lo como “a totalidade da história dos homens”, como expresso por Paulo Arantes, mas como “um tempo vivido nas dimensões do mundo” (...)um “*tempo excepcional* que governa, segundo os lugares e as épocas, certos espaços e certas realidades” (ARANTES, 2014, p. 34).

A história, o passado e a memória devem ser compreendidos enquanto um produto, um produto de classes, como defendido por Walter Benjamin (2013), eles são construídos no presente e nem todos possuem o direito de construí-los, de maneira que “só para a humanidade redimida o passado se tornará citável em cada um dos seus momentos” (BENJAMIN, 2013, p. 05), a história é constantemente construída por aqueles que nunca deixaram de vencer, a barbárie rege os moldes da civilização, ela documenta e detém a produção da memória:

“Aqueles que, até hoje, sempre saíram vitoriosos integram o cortejo triunfal que leva os senhores de hoje a passar por cima daqueles que hoje mordem o pó. Os despojos, como é da praxe, são também levados no cortejo. Geralmente lhes é dado o nome de patrimônio cultural” (BENJAMIN, 2013, p. 09).

O passado é construído no presente. Ideias, formas de pensar, podem se converter em ações políticas, a forma como elaboramos e pensamos a experiência histórica pode ser transformada em matéria política. A falácia da neutralidade presente na visão positivista constituída na matriz de conhecimento eurocêntrica acaba por esfumegar as incoerências praticadas pela ordem social dominante – “aqueles que, até hoje, sempre saíram vitoriosos” – e veta qualquer tipo de análise que parte do outro (até a própria noção de outro já estabelece uma conotação de distância entre partes), julgando por ser uma



visão “provinciana”, que prejudicaria a enxergar o Mundo como um todo e a conhecer-construir sua “história universal”.

## **1.2 O procedimento metodológico**

Essas perspectivas de análise da espacialidade nos permite engendrar uma matriz metodológica a partir dos principais conceitos da Geografia dos Conflitos Sociais, assim, deu-se início ao trabalho de organização da nossa fonte de dados, o Observatorio Social de América Latina (OSAL), projeto internacional organizado pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), que promoveu uma série de relatórios, publicados como “Cronología del Conflicto Social” na Revista do OSAL, tendo sua última publicação veiculada no ano de 2010 (os anos de 2011 e 2012 foram enviados após solicitação), levantando os conflitos sociais noticiados, em 19 países da América Latina e Caribe, exceto Cuba, entre 2000 e 2012, pelos veículos de mídia de grande circulação. Especificamente em nosso recorte brasileiro, temos alguns nomes como “Estadão”, “O Globo”, “Folha de São Paulo”, “Jornal Brasil de Fato”, “Agência Chasque de Notícias”, “Agência Brasil”, entre outros, como os principais jornais estudados. Logo, é fato, que não podemos ignorar a subnotificação, assim como devemos denunciar o silêncio que nega o direito básico de ser ouvido, o que não nos leva a diminuir a preciosidade das experiências ali relatadas sobre a sociedade brasileira. Os dados e as ferramentas utilizadas para sistematizá-los e os produtos da sua análise são representações de uma parcela da realidade do período lulista em sua ascensão e decréscimo.

Partindo da interpretação e análise desses dados, o processo de elaboração de tabelas (11 no total) correspondentes aos anos de 2002 até 2012 deu continuidade aos trabalhos, onde cada conflito era examinado a partir dos seus atributos constitutivos relatados anteriormente e outras classificações: Número de Ordem, País, Estado, Município, Localidade, Data, Protagonista, Motivo, Antagonista, Organização, Manifestação, Confronto, Escala, Natureza, Conquistas e Consequências. A seguir vemos o exemplo da tabela de 2009 com seus elementos constitutivos:

### Exemplo da tabela de 2009 simplificada e seus elementos constitutivos

	C	D	E	F
1	Estado	Município	Localidade	Data
2	SP	São Paulo	Vão Livre do MASP	02/01/09
3	RS	Porto Alegre	Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul	03/01/09
4	DF	Brasília	Fundação Cultural Palmares	06/01/09
5	MA	São Luís		06/01/09
6	MS	Bonito	Predio do Funai	06/01/09
7	SP	São Paulo	Marginal Tietê	06/01/09
8	SP	São Paulo	Bras	07/01/09
9	DF	Brasília	Ministério Público Brasileiro	07/01/09
10	MG			07/01/09
11	RJ	Orizânia		08/01/09
12	SP	Cotatubá	Casaria de Cotatubá	08/01/09
13	MG	Itaboraí		08/01/09
14	MA	São Luís	Vão Livre do MASP	09/01/09
15	PR	Curitiba	Plaza Santos Andrade	09/01/09
16	SP	São Paulo	Defensoria Pública do Estado de São Paulo	09/01/09
17	DF	Brasília	Estação de Metrô	09/01/09
18	MT	Orizânia	Nova Marília	09/01/09
19	MG	América	Fazenda Maroba	10/01/09
20	SP	São Paulo	Vão Livre do MASP	11/01/09
21	X			11/01/09
22	X			12/01/09
23	X			12/01/09
24	PR	Curitiba		13/01/09
25	SP	São José dos Campos	Fábrica da GM	13/01/09
26	SP	Ribeirão Preto		13/01/09
27	MT	Orizânia	Fazenda Boa Sorte	13/01/09
28	RS	Porto Alegre	Plenário da Assembleia Legislativa	13/01/09
29	SP	São Paulo	Av. Paulista	14/01/09
30	CE	Fortaleza	Plaza do Fomento	14/01/09
31	RJ		Montadora de automóveis instaladas no estado	15/01/09
32	MT	Nova Itambé	Rovato	15/01/09

	G	J	M	P	S	V	W	X
1	Protagonista	Motivo	Antagonista	Organização	Manifestação	Confronto	Escala	Natureza
2	15	21	22	2	6	N	Local	Geral
3	1	8	22	1	6	N	Estadual	Urbano
4	9	17	X	X	X	N	Nacional	Geral
5	1	8	22	X	1	N	Local	Urbano
6	4	4	22	X	4	N	Local	Geral
7	6	15	22	3	2	N	Local	Urbano
8	15	21	22	2	6	N	Local	Urbano
9	3	7	X	2	X	N	Nacional	Rural
10	15	21	22	2	X	N	Local	Urbano
11	15	21	22	2	6	N	Local	Urbano
12	10	14	22	X	9	S	Local	Urbano
13	2	1	21	2	6	N	Local	Geral
14	1	8	22	2	1	N	Local	Urbano
15	15	21	22	2	6	N	Local	Geral
16	15	21	22	2	6	N	Local	Geral
17	1	8	22	2	6	N	Local	Urbano
18	15	X	X	X	6	N	Local	Urbano
19	4	4	18	4	14	S	Local	Geral
20	3	4	18	2	3	N	Local	Rural
21	15	21	22	2	6	N	Local	Urbano
22	3	3	22	4	X	N	Nacional	Rural
23	22	21	22	X	X	N	Nacional	Geral
24	2	3	21	1	X	N	Local	Urbano
25	2	3	21	1	13	N	Local	Urbano
26	25	14	22	X	X	N	Local	Urbano
27	4	4	18	X	3	N	Local	Rural
28	15	21	22	2	6	N	Local	Urbano
29	6	13	22	X	2	N	Local	Urbano
30	15	21	22	X	6	N	Local	Urbano
31	2	1	21	2	X	N	Local	Urbano

Figura 1: Exemplo da tabela de 2009 e seus elementos constitutivos<sup>7</sup>

Para melhor organização dos dados foi criado um sistema de códigos com números para designar os atributos constitutivos mais recorrentes nos conflitos. Dentro da classificação de protagonistas e antagonistas foram destacados: Trabalhador do Setor

<sup>7</sup> A tabela aqui apresentada foi simplificada para melhor disposição das informações, porém os atributos Protagonista, Motivo, Antagonista, Organização e Manifestação possuem, cada um, 3 colunas onde 2 cumprem com o sistema de códigos apresentado a seguir e 1 para a especificação.

Público (1), Trabalhador do Setor Privado (2), Trabalhadores Rurais (3)<sup>8</sup>, Indígenas (4), Pescadores e ribeirinhos (5), Moradores (6), Estudantes (7), Desempregados (8), Negros (9), Detentos (10), Ambientalistas (11), Aposentados (12), Trabalhadores Informais (13), Profissionais Liberais (14), Multisetorial (15)<sup>9</sup>, Caminhoneiro (16), Banco (17), Latifundiário (18), Empresa Rural (19), Empresa Pública (20), Empresa Privada (21), Estado (22), Trabalhadores autônomos (23), Forças de Repressão (24) e População LGBTQIA+ (25).

Já nos motivos, objeto ou reivindicação do conflito a classificação dos atributos mais recorrentes foram: Emprego (1), Privatizações (2), Salário (3), Terra e demarcação (4), Políticas Públicas/Educação (5), Políticas Públicas/Saúde (6), Políticas Públicas/Rural (7), Condições de trabalho (8), Soberania (9), Políticas Públicas/Energia (10), Políticas Públicas/Transportes (11), Políticas Públicas/Água (12), Políticas Públicas/Segurança (13), Políticas Públicas/Direitos Humanos (14), Políticas Públicas/Habitação (15), Políticas Públicas/Previdência (16), Políticas de Ajuste Estrutural (17), Anti-Sistêmico (18), Território (19), Corrupção (20) e Solidariedade (21).

No que diz respeito ao tipo de organizações envolvidas no conflito destacaram-se: Sindicato (1), Associação de Sociedade Civil (2), Associação de Moradores (3), ONGs (4), Partidos Políticos (5), Igreja (7), Movimento de Guerrilha (9) e Facção (11).

Por último, as estratégias espaciais de luta em destaque foram: Greve (1), Bloqueio de Estrada (2), Ocupação de Terra (3), Ocupação de prédio público (4), Marcha (5), Atos Públicos/Passeata (6), Acampamentos (7), Greve de fome (8), Motim ou rebelião (9), Ocupação de Propriedade Privada (10), Piquete (11), Vigília (12), Paralisação (13) e Ação Direta (14).

Segue um exemplo prático a partir de um dos conflitos catalogados, retirado da Cronología del Conflicto Social do ano de 2011, no dia 1º de março, conflito que fez parte da Jornada de Lutas das Mulheres da Via Campesina:

---

<sup>8</sup> Aqui categorizados de forma ampla estão: pequenos agricultores, camponeses e trabalhadores rurais sem-terra.

<sup>9</sup> Em alguns dos anos analisados o protagonista “Multisetorial” fora interpretado enquanto apoiador de uma causa ou ativismo social, além de conflitos onde o interesse coletivo se mesclava por diversos protagonistas.

## Um exemplo prático: conflito presente na Jornada de Lutas da Mulheres da Via Campesina em 2011

Conflito:

“Cerca de 800 **trabalhadoras rurais** ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (**MST**), ao Movimento de Pequenos Agricultores (**MPA**), ao Movimento dos Atingidos por Barragens (**MAB**) e à Comissão Pastoral da Terra (**CPT**) **marcham de Juazeiro a Petrolina em Pernambuco (região Nordeste)**. Os manifestantes **bloquearam a ponte que liga os dois municípios**, **denunciando a inoperância** do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (**Incra**) da região. Em todo o Brasil, as mulheres da **Via Campesina** deflagraram a Jornada de Lutas das Mulheres para **denunciar a utilização excessiva de agrotóxicos nas lavouras brasileiras, responsabilidade do modelo de produção do agronegócio**”

Legenda: **Protagonista**; **Antagonista**; **Motivo**; **Organização**; **Manifestação**.

Figura 2: Conflito presente na Jornada de Lutas da Mulheres da Via Campesina em 2011 (Fonte: OSAL, Cronologia del Conflicto Social - Brasil)

No exemplo acima podemos traçar os principais atributos do conflito da maneira que os mesmos foram analisados nas tabelas, as *trabalhadoras rurais* que tomaram frente na luta são as protagonistas desse conflito, enquanto o *Incra* (enquanto uma instituição representante do Estado) é o antagonista, o que motiva o conflito é – no varejo – a inoperância do mesmo e – no atacado – a utilização excessiva de agrotóxicos no modelo de produção do agronegócio. Vê-se de forma nítida a multiescalaridade em sua articulação política. As organizações onde o movimento se centraliza são o MST, o MPA, o MAB e a CPT (articuladas pela Via Campesina) e ao marcharem e bloquearem uma ponte, utilizam do espaço de forma estratégica para alcançar seu objetivo ou se aproximar dele.

Após a construção das tabelas houve um trabalho de filtragem e tabulação anual de atributos específicos entre 2002 e 2012, que nos auxiliou na análise do movimento de totalidade da sociedade brasileira, onde foram destacados a Natureza, os três principais Motivos, os três principais Protagonistas e as três principais Manifestações. A fase final

da pesquisa conta com a periodização e as escalas de análise, na primeira, buscamos estabelecer, dentro do recorte histórico marcado pela eleição, ascensão do Partido dos Trabalhadores – que funda uma nova dinâmica conciliadora na sociedade brasileira – até as Jornadas de Junho em 2013 que mudam o padrão de conflitividade e marcam o início de seu decréscimo e crise. Já a segunda nos permite traçar as escalas de análise dos conflitos, quais são os pontos de congruência entre a dinâmica local, nacional e global, de maneira que não haja uma subordinação dessas escalas. O resultado das tabelas nos proporciona uma infinidade de temáticas, questões e momentos da formação do Brasil contemporâneo que podem (e devem) ser devidamente aprofundados.

## **CAPÍTULO 2: OS CONFLITOS SÓCIO-ESPACIAIS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO (2002-2012)**

A organização dos dados nos possibilitou analisar e catalogar, aproximadamente, 6.000 conflitos nas 10 tabelas referentes aos anos entre 2002 e 2012 no Brasil, havendo um aumento significativo de conflitos nos últimos anos. As tabelas, em conjunto com a bibliografia apresentada, nos permitiram a criação de um mapeamento de sujeitos e de conflitos baseado em conceitos de uma cartografia social, a compreensão de padrões de conflitividade e uma reconstrução de temporalidades, da década passada, que nos auxilia a entender a construção de Brasil que provocou os conflitos com suas contradições.

O processo de filtragem de atributos específicos das tabelas nos permitiu a construção de fichas que contém informações sobre a quantidade de conflitos de cada ano, sua natureza sócio-espacial e as categorias que são mais recorrentes entre os atributos: Protagonista, Motivo e Manifestação.

### **2.1 Os principais resultados da análise dos conflitos sócio-espaciais no Brasil contemporâneo (2002-2012)**

Como podemos observar abaixo, nos dados retirados da tabela referente ao ano de 2002, os três grupos sociais que mais protagonizaram conflitos no ano foram, respectivamente, Trabalhadores do Setor Público, Trabalhadores Rurais e Moradores. Em um ano onde foram catalogados 123 conflitos (sendo eles 56 urbanos, 38 gerais e 29 rurais), estes atores sociais foram responsáveis por 73, é importante frisar que o Trabalhador Rural se faz presente na tabela dos principais protagonistas, mesmo em um ano onde vemos uma subnotificação dos conflitos rurais, pelo fato da ação social estar concentrada neles. Já ao analisarmos as principais motivações vemos que Salário, Política Pública Rural e Terra/Demarcação foram as que mais se repetiram, reflexo de um ano marcado tanto pelas greves de Policiais Civis e Militares (BA e AL), Agentes Carcerários da antiga FEBEM (SP), Trabalhadores do Transporte Público (SP) e Professores da rede estadual (RJ) quanto pelas lutas no campo, motivadas seja pelo Julgamento da chacina de Eldorado de Carajás (PA), pelo pedido de prisão preventiva de José Rainha (líder do MST) ou pela reivindicação do assentamento de famílias e liberação de verbas para o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária por todo Brasil. As estratégias de

ação espacial são justificadas pelos motivos já que se concentram em Greve, Ato Público e Ocupação de Terra.

### Filtragem de atributos dos conflitos de 2002 e 2003

<b>Ano</b>	<b>2002</b>	<b>Ano</b>	<b>2003</b>
<b>Natureza</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Natureza</b>	<b>Nº de conflitos</b>
Urbano	56	Rural	56
Geral	38	Urbano	42
Rural	29	Geral	16
<b>Total</b>	<b>123</b>	<b>Total</b>	<b>114</b>
<b>Protagonista</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Protagonista</b>	<b>Nº de aparições</b>
1	32	3	46
3	28	1	25
6	13	2	8
<b>Motivo</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Motivo</b>	<b>Nº de conflitos</b>
3	36	7	37
7	17	4	27
4	13	3	12
<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>
1	26	6	19
6	21	1	15
3	15	3	10

Tabela 1: Filtragem de atributos dos conflitos de 2002 e 2003

Em 2003, os conflitos rurais eclodem de maneira que dos 114 conflitos analisados, 56 são rurais, enquanto 42 são urbanos e 16 gerais. O que faz com que o principal protagonista daquele ano sejam os Trabalhadores Rurais, seguido dos Trabalhadores do Setor Público e dos Trabalhadores do Setor Privado. Por se tratar de um ano onde os conflitos rurais se destacam, as Políticas Públicas Rurais e Terra/Demarcação enquanto os principais motivos, seguidos de Salário. A prisão de líderes do MST, a disputa de terras, a liberação do plantio de transgênicos, a morosidade de órgãos responsáveis pela vistoria de terras improdutivas e a formação de milícias armadas financiadas por latifundiários, são alguns dos pontos que expressam o aumento da violência no campo naquele ano como também explicitado pela CPT, em seu Caderno de Conflitos do Campo de 2003, onde “o número de assassinatos cresceu 69.8% em relação a 2002. Foram

assassinados 73 trabalhadores em conflitos no campo (...), o número de famílias expulsas foi de 151,4% maior que em 2002” (CPT, 2004, p.7). Tal aumento pode ser enxergado de forma paralela ao, inegável, aumento das ações dos movimentos sociais rurais com a posse do Presidente Lula e a expectativa (não alcançada) gerada em torno da Reforma Agrária. As principais ações estratégicas foram Atos Públicos, Greve e Ocupação de Terra.<sup>10</sup>

**Filtragem de atributos dos conflitos de 2004 e 2005**

<b>Ano</b>	<b>2004</b>	<b>Ano</b>	<b>2005</b>
<b>Natureza</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Natureza</b>	<b>Nº de conflitos</b>
Urbano	95	Urbano	150
Rural	31	Rural	31
Geral	25	Geral	26
<b>Total</b>	<b>151</b>	<b>Total</b>	<b>207</b>
<b>Protagonista</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Protagonista</b>	<b>Nº de aparições</b>
1	49	15	72
3	46	1	36
2	12	3	23
<b>Motivo</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Motivo</b>	<b>Nº de conflitos</b>
3	35	3	27
7	30	11	19
4	23	1	17
<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>
1	25	6	43
6	23	9	18
3	16	2	15

Tabela 2: Filtragem de atributos dos conflitos de 2004 e 2005

O ano de 2004 é marcado por uma disparidade entre os conflitos urbanos e os rurais e gerais, os primeiros contabilizando 95 conflitos (mais da metade, de um total de 151) enquanto os demais 31 e 25, respectivamente. Porém, os principais protagonistas se

<sup>10</sup> Ressalto também a presença de uma campanha de ação direta contundente neste ano, onde cerca de 3 mil militantes do MST destruíram uma plantação de milho transgênico da Fazenda Monsanto em Ponta Grossa - RS. Ver em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1005200323.htm>>



aproximam entre Trabalhadores do Setor Público e Trabalhadores Rurais, seguidos de Trabalhadores do Setor Privado. Novamente, observamos que Salário, Política Pública Rural e Terra e Demarcação foram os motivos que mais se repetiram. As greves de servidores públicos e atos públicos de servidores públicos foram responsáveis pela maioria das manifestações relatadas, enquanto a ocupação de terras também se fez presente.

Em 2005, novamente, os conflitos urbanos se destacam, porém, o que chama atenção é a repetição do protagonista Multisetorial, interpretado tanto como um conjunto de protagonistas distintos unidos por um motivo em comum quanto como um apoiador de uma causa, seguido por Trabalhadores do Setor Público e Trabalhadores Rurais. Os principais motivos: Salário, Política Pública de Transporte e Emprego, solidifica a questão do protagonista Multisetorial, assim como a principal manifestação também, o ato público com maior abrangência. Um ponto a ser salientado se dá também na presença do Motim e Rebelião na manifestação, reflexo dos 17 conflitos relatados que envolvem a população carcerária.

Os anos subsequentes, 2006 e 2007, já nos oferecem o primeiro aumento significativo dos conflitos relatados, sendo no total 492 e 952, respectivamente.

### Filtragem de atributos dos conflitos de 2006 e 2007

<b>Ano</b>	<b>2006</b>	<b>Ano</b>	<b>2007</b>
<b>Natureza</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Natureza</b>	<b>Nº de conflitos</b>
Urbano	318	Urbano	668
Rural	159	Rural	256
Geral	15	Geral	28
<b>Total</b>	<b>492</b>	<b>Total</b>	<b>952</b>
<b>Protagonista</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Protagonista</b>	<b>Nº de aparições</b>
3	136	1	205
1	58	3	200
10	35	15	93
<b>Motivo</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Motivo</b>	<b>Nº de conflitos</b>
7	81	7	237
4	73	18	148
3	54	3	139
<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>
6	158	6	301
4	46	4	96
2	43	1	58

Tabela 3: Filtragem de atributos dos conflitos de 2006 e 2007

No ano de 2006, foram relatados 318 conflitos urbanos, 159 conflitos rurais e 15 conflitos gerais, os principais protagonistas foram os Trabalhadores Rurais, os Trabalhadores do Setor Público e a População Carcerária, repetindo uma expressividade nos números de conflitos, 18 a mais do que o ano anterior. Novamente, ao se concentrarem como protagonistas dos conflitos rurais, os trabalhadores rurais e suas motivações se destacam: Política Pública Rural e Terra/Demarcação, seguido por Salário. As principais formas de manifestação foram Ato Público, Ocupação de Prédio Público (potencializado por ocupações em sedes de autarquias como o Incra) e Bloqueio de Via.

O ano de 2007 é marcado por um número muito expressivo de conflitos urbanos, 668, enquanto os conflitos rurais e gerais não alcançam a metade do número total. Os principais protagonistas são Trabalhadores do Setor Público, Trabalhadores Rurais e Multisetorial. Já as motivações se dão entre Políticas Públicas Rurais, Território e Salário.

As manifestações que mais se repetiram foram Ato Público, Ocupação de Prédio Público e Greve.

#### Filtragem de atributos dos conflitos de 2008 e 2009

<b>Ano</b>	<b>2008</b>	<b>Ano</b>	<b>2009</b>
<b>Natureza</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Natureza</b>	<b>Nº de conflitos</b>
Urbano	898	Urbano	622
Rural	474	Rural	534
Geral	46	Geral	402
<b>Total</b>	<b>1418</b>	<b>Total</b>	<b>1558</b>
<b>Protagonista</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Protagonista</b>	<b>Nº de aparições</b>
3	361	3	497
1	216	1	255
2	144	2	202
<b>Motivo</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Motivo</b>	<b>Nº de conflitos</b>
3	35	7	424
7	30	3	248
4	23	4	186
<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>
6	441	6	592
4	111	1	148
2	80	3	129

Tabela 4: Filtragem de atributos dos conflitos de 2008 e 2009

É possível observar um aumento significativo de conflitos nos anos de 2008 e 2009, padrão já analisado no par de anos anteriores, que contaram, respectivamente, com 1558 e 1421 conflitos catalogados, potencializados pelas demissões em massa de empresas do setor da metalurgia e siderurgia.

Em 2008, foram contabilizados 915 conflitos urbanos, 474 rurais e 46 gerais. Os principais protagonistas foram Trabalhadores Rurais, Trabalhadores do Setor Público e Trabalhadores do Setor Privado. Os principais motivos relatados foram Salário, Política Pública Rural e Terra/Demarcação. Já as estratégias espaciais de ação que mais se repetiram foram Ato Público, Ocupação de Prédio Público e Bloqueio de Via.

O ano de 2009 foi o que obteve o maior número de conflitos relatados, de um total de 1558, 622 foram conflitos urbanos, 534 foram conflitos rurais e 402 gerais. Os principais protagonistas foram os Trabalhadores Rurais (impulsionados pela Jornada Nacional de Mulheres da Via Campesina, pela Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária, pela Jornada Nacional de Lutas em defesa da Educação e o Pronera, pela Jornada Nacional Unificada de Lutas, entre outras), os Trabalhadores do Setor Público e os Trabalhadores do Setor Privado (demissões em massa dos trabalhadores dos setores da indústria automobilística, da siderurgia e metalurgia). Os principais motivos relatados foram Políticas Públicas Rurais, Salário e Terra/Demarcação, enquanto as principais formas de manifestação foram Atos Públicos, Greve e Ocupação de Terra.

#### Filtragem de atributos dos conflitos de 2010, 2011 e 2012

<b>Ano</b>	<b>2010</b>	<b>Ano</b>	<b>2011</b>	<b>Ano</b>	<b>2012</b>
<b>Natureza</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Natureza</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Natureza</b>	<b>Nº de conflitos</b>
Urbano	372	Urbano	100	Urbano	146
Rural	205	Rural	22	Rural	110
Geral	67	Geral	0	Geral	19
<b>Total</b>	<b>644</b>	<b>Total</b>	<b>122</b>	<b>Total</b>	<b>275</b>
<b>Protagonista</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Protagonista</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Protagonista</b>	<b>Nº de aparições</b>
15	342	3	33	3	100
1	131	7	22	15	51
7	59	6	20	1	47
<b>Motivo</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Motivo</b>	<b>Nº de conflitos</b>	<b>Motivo</b>	<b>Nº de conflitos</b>
7	27	4	23	7	79
5	23	14	19	3	33
8	8	3	17	8	31
<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>	<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>
6	186	6	50	6	102
4	63	3	11	4	43
2	53	4	8	1	26

Tabela 5: Filtragem de atributos dos conflitos de 2010, 2011 e 2012

Nos últimos três anos, nota-se um padrão de decréscimo comparado aos anos anteriores, o ano de 2010 traz 644 conflitos no total, sendo eles 372 urbanos, 205 rural e

67 gerais. Os principais protagonistas foram Multisetorial, Trabalhadores do Setor Público e Estudantes, as motivações novamente se encontram com os protagonistas, são elas Políticas Públicas Rurais, Políticas Públicas Educacional e Condições de Trabalho. As principais formas de manifestação foram Atos Públicos, Ocupação de Prédio Público e Bloqueio de Via.

No ano de 2011 e 2012, foram relatados em conjunto, 122 e 275 conflitos, respectivamente. No primeiro foram 100 deles foram urbanos e 22 rurais, enquanto no segundo 146 foram urbanos, 110 rurais e 19 gerais. Em 2011, os principais protagonistas foram os Trabalhadores Rurais, os Estudantes e os Moradores. Suas motivações foram Terra/Demarcação, Política Pública de Direitos Humanos e Salário e as principais estratégias de ação espacial foram Atos Públicos, Ocupação de Terra e Ocupação de Prédio Público. Já em 2012, os principais protagonistas foram os Trabalhadores Rurais, Multisetorial e os Trabalhadores do Setor Público, motivados por Políticas Públicas Rurais, Salário e Condições de Trabalho. As principais formas de manifestação foram Atos Públicos, Ocupação de Prédio Público e Greve.

Após completar as tabelas, podemos observar os nomes que mais se destacaram nas lutas sociais brasileiras, seriam eles: Trabalhadores Rurais e Trabalhadores do Setor Público, enquanto os principais motivos são as Políticas Públicas Rurais, Salário e Terra/Demarcação. Esses sujeitos se organizam estrategicamente no espaço, em sua maior parte, em Atos Públicos e Ocupações de Terra.

Uma das ferramentas desenvolvidas foram mapas gerais onde o objetivo seria ilustrar de forma direta a distribuição (e notificação) de conflitos em todo território brasileiro, buscando uma representação da totalidade dos conflitos que nos auxiliasse a traçar um padrão de conflitividade. O primeiro resultado, partindo dos dados totais e construindo a partir do número de conflitos de cada estado brasileiro, tivemos como resultado o mapa abaixo:

## Total de conflitos sócio-espaciais por estado brasileiro (2002-2012)

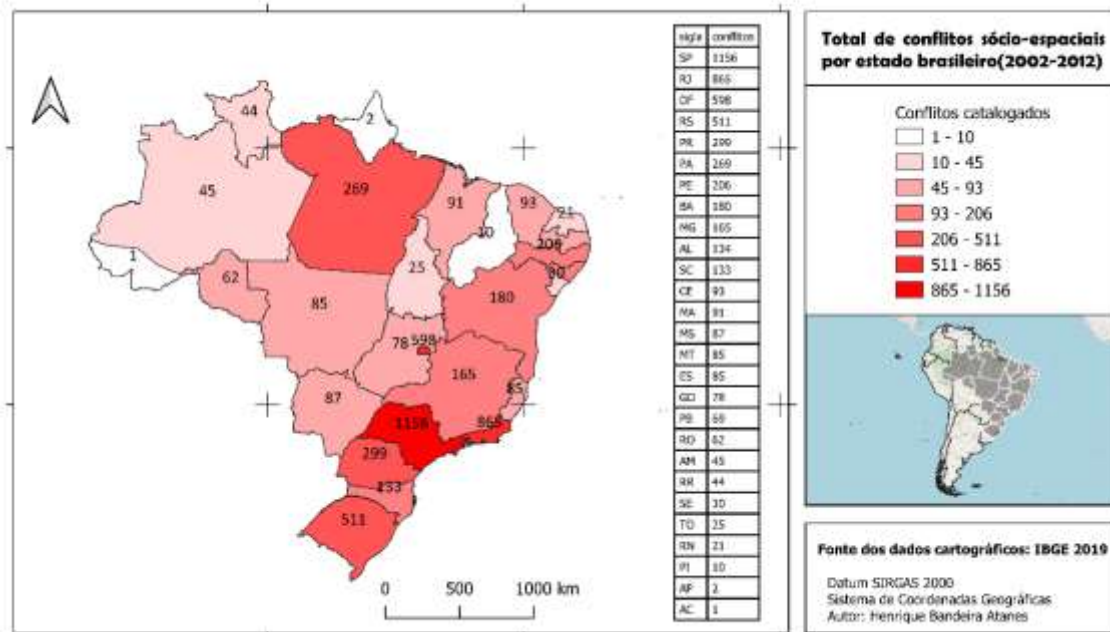


Figura 3: Mapa dos conflitos sócio-espaciais no Brasil (2002-2012)

Ao analisarmos os dados de forma bruta, podemos observar, de um lado, os estados onde mais se relataram conflitos, São Paulo, Rio de Janeiro e o Distrito Federal (muito por conta da função central de abrigar a sede do governo brasileiro, onde decisões que afetam grandes parcelas da população são tomadas) e, de outro, os principais pontos de subnotificação, o Acre, o Amapá e Piauí foram os três estados com o menor número de conflitos relatados.

Porém, esses dados mudam (e trazem uma interessante peculiaridade) ao buscar outra perspectiva. Ao nos indagarmos sobre a quantidade de conflitos a cada 100 mil habitantes em cada estado brasileiro obtivemos o mapa abaixo como resultado:

## Conflitos por estado brasileiro a cada 100 mil habitantes

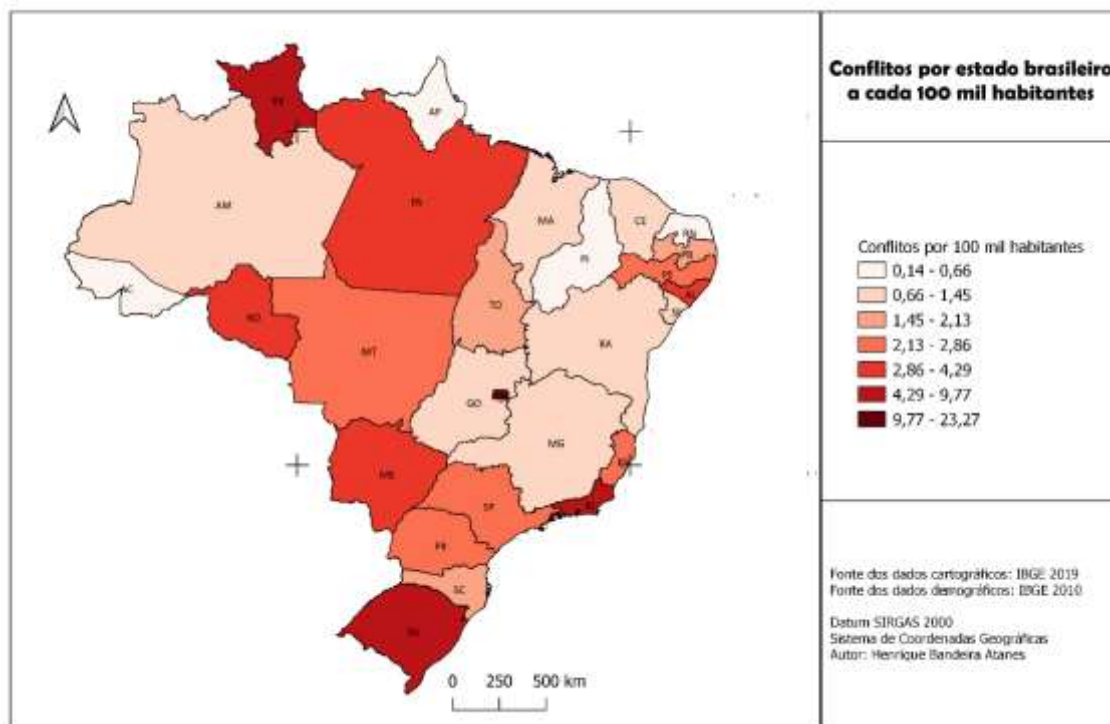


Figura 4: Mapa dos conflitos sócio-espaciais no Brasil (2002-2012)

Se por um lado os dados absolutos dos conflitos nos apresentaram dois estados da Região Norte (Acre e Amapá) e um estado da Região Nordeste (Piauí) como os mais afetados pela subnotificação, enquanto enquadrava dois estados da Região Sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro) e o Distrito Federal como os mais conflitivos, no segundo mapa obtivemos o Distrito Federal (23,27 conflitos/100 mil habitantes), Roraima (9,77 conflitos/100 mil habitantes) e Rio de Janeiro (5,41 conflitos/100 mil habitantes) como os estados com mais conflitos por mil habitantes, enquanto São Paulo (2,80 conflitos/100 mil habitantes) atinge a décima posição. Uma diversidade regional que continua na lista dos estados mais conflitivos em relação a sua população:

### Estados com a maior quantidade de conflitos por habitantes

	CONFLITOS	POPULAÇÃO	Conflitos/100 mil hab.
DF	598	2.570.160	23,27
RR	44	450.479	9,77
RJ	865	15.989.929	5,41
RS	511	10.693.929	4,78
AL	134	3.120.494	4,29
RO	62	1.562.409	3,97
MS	87	2.449.024	3,55
PA	269	7.581.051	3,55
PR	299	10.444.526	2,86
SP	1156	41.262.199	2,80

Tabela 6: Estados com a maior quantidade de conflitos por habitantes

Outra perspectiva a ser adotada na construção da análise dos dados foi a natureza sócio-espacial do conflito, já que ele é “o atributo síntese, é aquele que conjuga e agencia os demais atributos” e que “buscar desvelar esta natureza sociogeográfica implica em identificar e analisar quais processos sócio-espaciais são constituintes do conflito. Apenas nessa relação indissociável entre sociedade-espço é que podemos apreendê-lo” (RAMOS, 2003, p. 12). Não cabe aqui adentrar no profundíssimo debate que se tece em torno do que é o rural e o que é o urbano, porém dentro da nossa interpretação, enquanto a geograficidade da ação social, tivemos os resultados a seguir:



**Distribuição dos conflitos sócio-espaciais a partir da natureza sócio-espacial por estado brasileiro**

	<b>RURAL</b>		<b>URBANO</b>
<b>SP</b>	193	<b>SP</b>	665
<b>RS</b>	192	<b>RJ</b>	515
<b>PA</b>	165	<b>DF</b>	278
<b>PR</b>	130	<b>RS</b>	148
<b>PE</b>	129	<b>PR</b>	91
<b>DF</b>	108	<b>MG</b>	72
<b>BA</b>	95	<b>SC</b>	61
<b>AL</b>	78	<b>PA</b>	47
<b>MG</b>	62	<b>BA</b>	44
<b>MT</b>	58	<b>PE</b>	39

Tabela 7: Distribuição dos conflitos sócio-espaciais a partir da natureza sócio-espacial por estado brasileiro

A partir dos dados da tabela acima foram construídos os dois mapas a seguir que nos auxiliam a enxergar melhor a distribuição de conflitos no Brasil a partir de sua natureza sócio-espacial:

### Conflitos rurais por estado brasileiro (2002-2012)

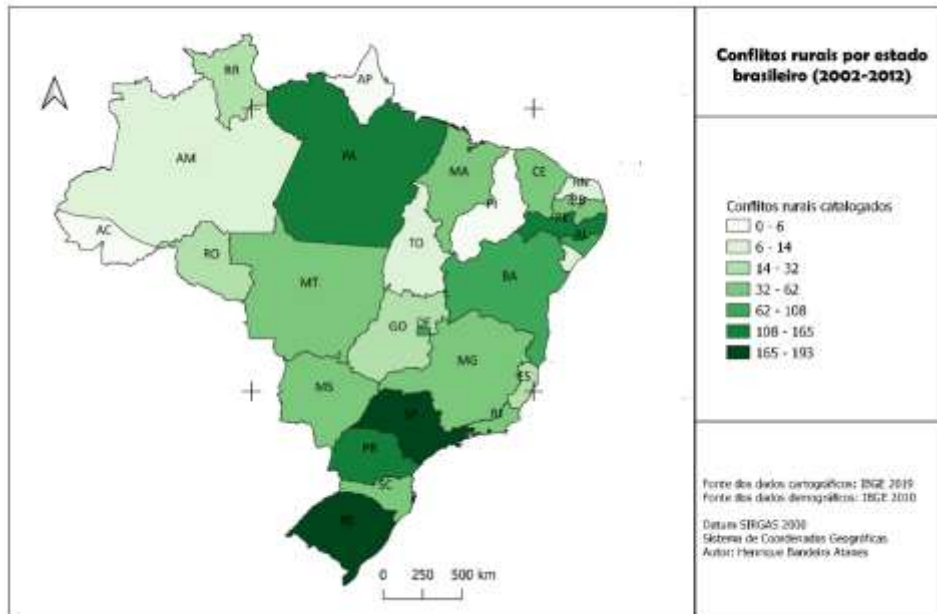


Figura 5: Mapa de conflitos rurais no Brasil (2002-2012)

### Conflitos urbanos por estado brasileiro (2002-2012)

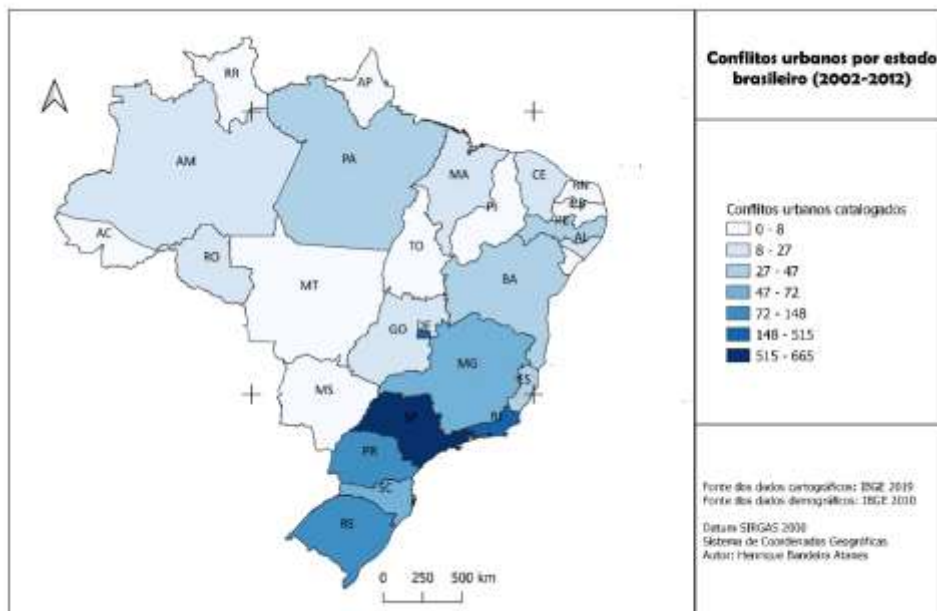


Figura 6: Mapa de conflitos urbanos no Brasil (2002-2012)

## 2.2 A análise específica dos conflitos: o caso da Jornada Nacional Unificada de Lutas por Reforma Agrária em 2009

Além da análise, anual ou da totalidade, podemos criar outras periodizações mais específicas utilizando nossa base de dados. Um dos diversos eventos que podem analisados de forma mais específica nas tabelas é a Jornada Nacional Unificada de Lutas por Reforma Agrária em 2009 onde inúmeros trabalhadores rurais sem-terra se reúnem em todo Brasil e utilizam-se de diversas estratégias de ação para denunciar a violência do campo, reivindicar políticas públicas rurais, por mais infraestrutura nos assentamentos, pela alteração dos índices de produtividade, contra a criminalização dos movimentos sociais e justiça pela chacina ocorrida em Eldorado dos Carajás no Pará, em 1996, no dia 17 de abril.

Os protagonistas – em sua maioria, trabalhadores rurais sem-terra – organizados em três principais entidades que defendem os direitos no campo e são intensamente presentes na luta pela reforma agrária: MST, Via Campesina e MAB. Foram relatados 42 conflitos que ocorreram durante o mês de abril e ficou conhecido como “Abril Vermelho” (evento que ocorre recorrentemente até os tempo atuais), onde as estratégias espaciais mais utilizadas foram Ocupação de Terra, Ato Público/Passeata e Ocupação de Propriedade Privada, como podem ser observadas na tabela abaixo:

### **Estratégias espaciais presentes na Jornada Nacional Unificada de Lutas por Reforma Agrária em 2009**

<b>Manifestação</b>	<b>Nº de aparições</b>
3	20
6	18
2	10

Tabela 8: Estratégias espaciais utilizadas na Jornada Nacional Unificada de Lutas por Reforma Agrária em 2009

Essa multiescalaridade, onde podemos trabalhar tanto com lentes mais objetivas e distantes quanto nos debruçarmos ao colocar a lupa em questões mais específicas, esse

tipo de trabalho nos permite traçar análises que partam do local, do regional<sup>11</sup>, mas que esteja sempre integrado com sua posição na dinâmica territorial, produzindo um conhecimento local que trate do mundo em sua totalidade.

---

<sup>11</sup> Chico de Oliveira já nos ensinava que a região “seria o espaço onde se imbicam dialeticamente uma forma especial da luta de classes que só podem ser viáveis ao se opor à coalisão imperialismo – classes sociais dominantes locais” e que “nação na periferia do mundo capitalista somente pode ser construída pelas classes populares, e seu vir-a-ser é o socialismo” (OLIVEIRA, 1977, p. 26).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho data o início de uma longa jornada de análise tanto da totalidade dos conflitos nas tabelas, na escala nacional, quanto de óticas específicas que possuem nos atributos constituintes do conflito o seu ponto de partida.

De acordo com os resultados iniciais, percebe-se o quanto há um desnivelamento na notificação de conflitos, onde os estados que se encontram em posição de domínio na divisão regional do trabalho e na centralização da produção e distribuição de informações.

A pesquisa permite, por conta de sua estruturação, o contato com uma infinidade de temas e questões a partir de cada um dos atributos, categorias e periodizações, assim nos auxiliando a interpretar o Brasil e a sociedade brasileira em sua totalidade partindo do conflito social enquanto ponto de partida. Tratando-se de um trabalho de tratamento metodológico e de sistematização de fontes, poderá se tornar ponto de partida de inúmeros trabalhos futuros e para a criação de mapas, tabelas, gráficos, representações que nos ajudam a entender melhor o território brasileiro e suas territorialidades.

Vê-se que o Brasil muito lutou (ainda luta e lutará) por vida, dignidade e território. Em uma sociedade regida por uma racionalidade política onde o indivíduo exerce um autogoverno, conduz sua conduta enquanto busca conduzir o outro, os conflitos nos permitem enxergar a prática, a intensidade e a violência da racionalidade neoliberal (mesmo que aqui esteja apresentada a nós em sua roupagem menos selvagem).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2014.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CPT – Comissão Pastoral da Terra. **Conflitos no Campo / Brasil (2003)**. Goiânia: Editora Gráfica Terra, 2004.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo, Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Elegia para uma Re(li)gião**. Sudene, Nordeste, Planejamento e conflito de classes, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

OSAL – Observatorio Social de América Latina. **Cronología del Conflicto Social**. Brasil 2002-2012. Buenos Aires: CLACSO, 2002-2012. Disponível em <<http://biblioteca.clacso.edu.ar>>.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Geo-Grafias - Movimentos sociales, nuevas territorialidades y sustentabilidad**. Guadalajara: Siglo Veintiuno editores. 2001.

\_\_\_\_\_. **Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades**. In: CECEÑA, Ana Esther; SADER, Emir (org.). **La guerra infinita: hegemonía y terror mundial**. Buenos Aires: CLACSO, 2002.

\_\_\_\_\_. **Geografando: nos varadouros do mundo: da territorialidade seringalista à territorialidade seringueira ou do seringal à reserva extrativista**. Brasília. IBAMA/MMA. 2003.

\_\_\_\_\_. **Ecologia Política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios**. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.9, n.1, p.16-50, jan/jul. 2012.

RAMOS, Tatiana Tramontani. **A geografia dos conflitos sociais na América Latina e Caribe**. Informe final do concurso: Movimientos sociales y nuevos conflictos en América Latina y el Caribe. Programa Regional de Becas Clacso, 2003.

RODRIGUES, Glauco Bruce. **Geografia Histórica e Ativismos Sociais**. GeoTextos, Vol.11, n.1, julho de 2015. 241-268.

RODRIGUES, Glauco Bruce e RAMOS, Tatiana Tramontani. **A espacialidade dos conflitos sociais**: As Jornadas de Junho de 2013. Para Onde!?, v. 11, n. 1, p. 92-104, 20 abr. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/91799/52668>.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Ativismos sociais e espaço urbano**: Um panorama conciso da produção intelectual brasileira. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon; COELHO, Maria Célia N.; CORRÊA, Aureanice M. O Brasil, a América Latina e o mundo: Espacialidades contemporâneas II. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ; ANPEGE, 2008. p. 3367-384.

\_\_\_\_\_. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

THOMPSON, Edward. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward. **Algumas observações sobre classe e ‘falsa consciência’**. In: NEGRO, A. L.; SILVA, S. (Org.). As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas: Edunicamp, 2001.

TOURAINE, Alain. **O retorno do actor**. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.